

RESENHA

*Norma Cristina Braga Venâncio**

GOMES, Wadislau M. **Sal da terra em terras dos brasis**. Brasília: Monergismo, 2014. 282 p.

A primeira edição de *Sal da terra em terras dos brasis*, de Wadislau Martins Gomes, surgiu em 1984. A obra já trazia a preocupação do autor com o anúncio evangélico, “cada vez mais gritado e menos ouvido nas praças, ou buscado nas igrejas” (p. 8). Assim, fica patente ao leitor, desde o início, o objetivo de lembrar-lhe a lealdade à mensagem original. O livro foi reeditado e aumentado duas vezes (1995 e 2014), mantendo o foco sobre o que dizemos quando comunicamos o evangelho, mas inclui, segundo o autor explicita na introdução, mais considerações sobre “o veículo da comunicação, especialmente a obra de missões, plantação e crescimento da igreja” (p. 8). Isso significa, como ele esclarece ao longo das páginas seguintes, trabalhar com a consciência constante do programa da igreja em quatro vertentes: instrução, comunhão, adoração e serviço – que não deixa de ser um modo excelente de verificar em que medida estamos atendendo à fidelidade bíblica.

O livro é dividido em quatro partes: “As novas do reino”, “As bases claras do reino”, “Como cidade edificada sobre o monte” e “O reino, a casa, a vizinhança e o mundo”. Como os títulos indicam, ao longo da leitura percebe-se que os temas e as ênfases retornam a cada vez, de outros ângulos. Assim, o desenvolvimento não é linear, mas em “espiral”, e os preciosos ensinamentos do autor (reencontrados com alegria pelos leitores que já tiveram o privilégio de ser seus alunos) são apresentados sem que se perca a unidade temática e formal. Essa escolha comporta certo risco em que, às vezes, a obra cai: a repetição

* Doutora em Literatura Francesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestranda em Teologia pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, escritora e conferencista. Reside em Natal (RN).

dos conteúdos com alguma aparência de circularidade, que pode fazer com que, de quando em quando, o leitor se pergunte se não estaria lendo de novo alguma página, algum capítulo. Esse procedimento, que é excelente na prática do professor – para o francês Fernand Braudel, por exemplo, “ensinar é repetir” –, pode se tornar um pouco cansativo em livro. Mas o risco vale a pena quando pensamos na complexidade dos temas presentes.

E, de fato, Wadislau discorre sobre assuntos gigantescos, tais como: as características do povo brasileiro desde sua formação, de base educacional jesuítica, que aprendeu “a obediência como verdade”; o mimetismo da igreja brasileira, que adere em boa medida tanto ao neopaganismo atual (com sua visão gnóstica e sua prática cheia de pequenas magias para controlar forças ocultas, uma negação do senhorio e da soberania do Deus bíblico) quanto a regras do marketing moderno para promover aumento numérico sem qualidade; a falsa oposição entre os dois extremos individualismo e coletivismo; a necessidade de uma epistemologia *teorreferente* (termo cunhado por Davi Charles Gomes, filho de Wadislau) que substitua nosso subjetivismo perceptual; a bela descrição do trinômio “filho, irmão e servo” para sumarizar o crescimento individual e coletivo da igreja (“o filho cresce para ser irmão dos pais e amadurece para ser servo”, p. 126); a explanação do conceito de “autarquia” em oposição a “autonomia”; a harmonização entre lei e graça, e a importância disto para a saúde da igreja; a descrição de todos os sistemas humanos de pensamento e de arte como religiosos em sua essência, já que objetivam algum tipo de redenção intramundana; e muitos outros temas que, sozinhos, dariam cada um outro copioso livro. Todo esse caráter multifacetado tem um aspecto positivo e um negativo: de um lado, o leitor tem um contato abrangente com o que de melhor tem sido pensado e produzido na literatura reformada; de outro, permanece um gosto forte de “quero mais” cuja saciedade clama por mais fontes de leitura e aprofundamento.

Contudo, essas fontes estão bastante presentes em momentos cruciais. Por exemplo, quando trata do triperspectivalismo de John Frame – orientação nova e ainda pouco compreendida, mas crucial para a reflexão da igreja em nosso tempo –, Wadislau fornece ao leitor (p. 211) uma explicação resumida da matéria. De fato, na Bíblia, os três aspectos normativo, situacional e existencial estão sempre entrelaçados, enquanto a força fragmentadora do pecado nos faz sempre alijar algum ou alguns deles em determinados setores da vida. Wadislau aplica ao livro de Jó a necessidade de retornar a esse entrelaçamento, quando menciona que “Deus falou e foi ouvido em termos normativos”, mas no final “Jó é alçado ao horizonte de Deus” e foi profundamente transformado por aquela experiência. Para o leitor, permanece o contato mais vívido com algo que já havia sido mencionado páginas antes: a negligência do aspecto existencial na fé, uma conversão mental sem conversão do coração, que precisa ser remediada pela Palavra viva de Deus.

Como o leitor agora já deve ter percebido, em toda a obra há um diferencial que merece grande destaque – um ponto fortíssimo e nada periférico, como muitos poderiam pensar. Wadislau traz para a discussão autores brasileiros (ficção e não ficção) que ainda são importantes para a formação da identidade nacional: Darcy Ribeiro, Jorge Amado, Roberto DaMatta, Olavo Bilac, Lima Barreto, Ariano Suassuna, Tristão de Ataíde, Carlos Drummond de Andrade, Monteiro Lobato... Sem esquecer, evidentemente, a própria Bíblia e autores cristãos que pontuam toda a trajetória com a Palavra vivida e aplicada: A. W. Tozer, Richard Lovelace, John Stott, Jay Adams, Michael Horton, Francis Schaeffer e muitos outros. Trata-se de um livro em que a intertextualidade é um dos métodos – e méritos – centrais, portanto. Nos textos de autores não cristãos, isto funciona como um espelho onde os crentes do Brasil podem ver sua imagem, geralmente negativa, muitas vezes distorcida, porém em muitos aspectos verdadeira, infelizmente. E, nos textos bíblicos e fiéis à Bíblia, o leitor encontra pistas fundamentais para a retificação dessa imagem: um espelho corretivo, profundamente necessário nesta época de popularização e amálgama da fé com normatividades da cultura.

O diálogo riquíssimo que *O sal da terra em terras dos brasis* estabelece com a literatura brasileira deixa entrever uma característica muito saudável do ministério de Wadislau: de um lado, ele não imita o comportamento de avestruz que tem caracterizado boa parte de nossa história evangélica no país; de outro, não se compraz em refletir as ênfases da cultura, mas, muito pelo contrário, questiona-as e confronta-as. Esse delicado equilíbrio no relacionamento com a cultura, enunciado por Jesus na oração sacerdotal (João 17) quando declara que o cristão “está no mundo sem ser do mundo”, foi recomendado em detalhes por Francis Schaeffer em obras como *O grande desastre evangélico*, que descreve a invasão do liberalismo nas igrejas norteamericanas e a reação ruim, de rejeição sem debate, dos conservadores evangélicos. A influência de Schaeffer é aqui patente, dando-nos a oportunidade de verificar mais uma vez como pode dar-se a aplicação desse princípio em terra nacional.

A outra ponta do gume no debate saudável com a cultura se revela na expressão “evangelização sem evangeliqêns”, que um pastor amigo do autor gostaria de ter colocado como subtítulo da segunda edição. Sim, a relação saudável com a cultura não só nos deixa afiados para perceber suas contradições e sutilezas perigosas, mas também nos salva dos maneirismos de gueto. Assim é que Wadislau ajuda o leitor a descolar-se da “cultura” evangélica naquilo que ela nada tem de evangélica, ou seja, os comportamentos compulsivos passados de membro a membro, dos quais um dos mais pesados, para quem escreve um livro, é a adesão a uma linguagem empobrecida por repetições bíblicas irrefletidas e chavões – uma linguagem *feia*. Como poderia tal linguagem refletir adequadamente as maravilhas de quem Deus é? Como afirmou certa vez

Douglas Wilson em um excelente artigo sobre C. S. Lewis (ver <http://andrelv.blogspot.com.br/2011/02/belas-palavras-de-vida.html>):

Um homem que é chamado para fazer uso das palavras, como são os ministros, e que ignora o aspecto estético delas a fim de se concentrar na “verdade”, está, de fato, em guerra contra a verdade. Em vez de dar à mulher bonita um colar de pérolas, ele lhe dá uma coleira canina, e depois finge que fez isso porque ama e respeita essa mulher.

Em muitos momentos, Wadislau consegue atingir um alto grau de beleza em sua forma de apresentar as verdades bíblicas, algo tão raro no nosso meio que precisa ser enfatizado e apresentado repetidamente a Deus sob a forma de oração: que nossas produções orais e livrescas possam livrar-se do alijamento da beleza a que têm sido submetidas por tantas décadas. Nesse sentido, temos muito a aprender com os mestres da literatura, mas sempre guardando-nos de imitar sua superficialidade e seu “estetismo”, como alerta-nos Mário Vieira de Mello em *Desenvolvimento e cultura*. Quem sabe o mundo nos ouvirá mais atentamente à medida que aprendemos, na vida e em nossas palavras, a entrelaçar o bom, o verdadeiro e o belo.